

SYLVIA PLATH EM ROMANCE, FILME E REALIDADE: CINEBIOGRAFIA COMPARATISTA DA POETA FRAGMENTADA

SYLVIA PLATH IN ROMANCE, FILM AND REALITY: COMPARATIVE CINEBIOGRAPHY OF THE FRAGMENTED POET

Flaviana de Castro Silva¹

RESUMO: A vida enquanto matéria-prima da Literatura oferece temas extremos. Tais extremos são expostos por Sylvia Plath em seu romance *A redoma de vidro* publicado em 1963. Nele, Esther Greenwood, narradora-protagonista, revela suas inseguranças com relação ao mundo e a si mesma. Numa perspectiva comparatista, objetiva-se aqui fazer um paralelo entre o romance e o filme *Sylvia: Paixão Além das Palavras* (2003), dirigido por Christine Jeffs, além de considerar alguns aspectos biográficos relevantes da autora, visando a encontrar traços comportamentais comuns, bem como a sua relação com a melancolia e tristeza, ingredientes típicos de transtornos depressivos. E ainda, compreender essa transmutação do livro para o filme tendo por base o mesmo estímulo gerador: a vida pessoal de Sylvia Plath. Como embasamento teórico, buscamos os conceitos de suicídio em Freud (1996) e Durkheim (1971) e as relações entre a literatura, melancolia e depressão dentre outros; o conceito de cinebiografia e adaptação em Hutcheon (2011).

Palavras-chave: Subjetividade; Cinebiografia; Melancolia.

ABSTRACT: Life as the raw material of Literature offers extreme themes. Such extremes are exposed by Sylvia Plath in her novel *The Glass Dome* published in 1963. In it, Esther Greenwood, narrator-protagonist, reveals her insecurities regarding the world and herself. In a comparative perspective, the objective here is to make a parallel between the novel and the film *Sylvia: passion beyond words* (2003), directed by Cristine Jeffs, besides considering some relevant biographical aspects of the author, aiming to find common behavioral traits, as well as its relationship with melancholy and sadness, typical ingredients of depressive disorders. And also understand this transmutation of the book into the film based on the same generating stimulus: Sylvia's personal life. As a theoretical basis, we seek the concepts of suicide in Freud (1996) and Durkheim (1971) and the relationships between literature, melancholy and depression, among others; the concept of biopic and adaptation in Hutcheon (2011).

Keywords: Subjectivity. Cinebiography. Melancholy.

Considerações iniciais

A Literatura Comparada é um ramo dos estudos literários que cada vez mais ganha espaço no cenário das investigações científicas. Isso porque a comparação é um procedimento milenar que integra a estrutura do pensamento humano desde os primórdios passando pelos povos mais antigos como gregos e romanos até os dias atuais. Nesse sentido, “Comparar estruturas ou fenômenos análogos, destacados, sob certos aspectos, do conjunto ou do grupo aos quais pertencem, para pôr

¹ Mestranda em Literatura (UFPI); desenvolve pesquisas na área de literatura, história, memória e escrita de si; professora de língua portuguesa do IFPI.

em evidências caracteres comuns e deles tirar leis – [...] este esforço é antigo” (P. Brunel. Cl. Pichois, A. M. Rousseau).

A proposta deste artigo é exatamente contribuir com a Ciência literária sob a perspectiva da Literatura Comparada através de uma investigação em formatos distintos de apresentação artística acerca de um ícone da Literatura norte-americana do século XX que é a figura emblemática da poetisa Sylvia Plath. Nesta proposta, pretendemos analisar as marcas subjetivas de representação do eu que segue numa escala ascendente de degradação ou fragmentação emocional se encaminhando para uma profunda depressão tanto no romance *A redoma de vidro* (2014) como no filme *Sylvia: paixão além das palavras* (2003). Vale ressaltar ainda que também consideraremos para esta investigação alguns aspectos biográficos de Plath, pois na vida pessoal, ela igualmente travou uma batalha com a depressão durante a maior parte dos trinta anos que viveu e nessa batalha Sylvia não saiu vitoriosa, pois acabou se suicidando em decorrência de várias circunstâncias da vida.

A escritora e jornalista norte-americana Janet Malcolm escreveu *A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia*, edição de 1995, que se trata de um ensaio biográfico em que a autora examina todas as biografias já escritas sobre Sylvia Plath para demonstrar a tênue linha que separa fato e ficção. “*The bell jar* é um relato ficcionalizado do colapso, do tratamento de choque e da tentativa de suicídio da própria Sylvia Plath em 1953, e ela não queria que os originais em quem se inspiravam suas personagens detestáveis – especialmente sua mãe- lessem o livro. ” (MALCOLM, 1995, p.41). Mais adiante, Malcolm nos revela um dado especialmente curioso dentro da narrativa autobiográfica de *A redoma de vidro*. A mãe de Esther (personagem principal) é representada com uma destreza impiedosa: “Minha mãe teve o cuidado de nunca me dizer nada”. Observa Esther em tom cáustico. “Limitava-se a discutir comigo em tom suave, com duas pessoas inteligentes e maduras.” (idem, 1995, p.41).

Por dentro da redoma

Em 1963, vinha a público, em sua primeira edição nos EUA, *The bell jar*, ou, em português, *A redoma de vidro*, o único romance escrito pela poetisa Sylvia Plath durante os dois anos que antecederam seu suicídio ocorrido em 11 de fevereiro de 1963.

Sylvia Plath (Massachusetts, EUA, 1932 – Londres, Inglaterra, 1963) foi uma escritora norte-americana de escrita intensa tanto na forma quanto no conteúdo com elaboração de escrita em prosa e em verso rico em imagens e metáforas inusitadas. Grandemente conhecida por sua produção poética, pois publicou livros de poesia famosos como *The Colossus and Other Poems* (1960) e *Ariel* (1965), Plath também escreveu contos, crônicas, correspondências e um vasto diário. É conhecida também pelo seu casamento com o inglês e também poeta Ted Hughes, com quem

manteve um relacionamento conturbado, e pelas circunstâncias de sua morte precoce. Em 1961, começou a escrever seu único romance, *A redoma de vidro*, que publicou poucas semanas antes de sua morte. O romance é considerado pela crítica como uma autobiografia ficcional, uma vez que aspectos da vida de Plath são utilizados como matéria para sua ficção.

O romance de Plath relata em primeira pessoa a história de Esther Greenwood, uma jovem de 19 anos de Boston, interior dos Estados Unidos que, por sua excelente performance acadêmica, ganha um estágio de um mês na redação de uma importante revista de moda em Nova York. O tempo predominante na narrativa é o passado, pois se refere a acontecimentos já vividos pela narradora que recorre frequentemente à memória para tentar compreender sua trajetória que atravessa extremos. Durante o estágio, Esther experimenta uma vida de glamour e agitação a qual ela nunca imaginou existisse. “Uma garota vive em uma cidade no meio do nada por dezenove anos, tão pobre que mal pode comprar uma revista, e então recebe uma bolsa para a universidade e ganha um prêmio aqui e outro ali e acaba em Nova York, conduzindo a cidade como se fosse seu próprio carro”. (PLATH, 2014, p.8). Neste ponto inicial da narrativa, Esther se revela como uma jovem que se vê encantada e seduzida por uma áurea de eventos positivos ocorridos em sua vida nos últimos tempos.

Porém, no decorrer dos 20 capítulos do livro, assistimos a uma lenta e angustiante fragmentação do eu que se vê deslocada dos lugares que frequenta, decepcionada com as situações que enfrenta e com as pessoas que vai conhecendo, ficando assim indiferente ao mundo ao seu redor e mergulhando cada vez mais no escuro calabouço da depressão. “Acontece que eu não estava conduzindo nada, nem a mim mesma. Eu só pulava do meu hotel para o trabalho e para as festas, e das festas para o hotel e então de volta ao trabalho, como um bonde entorpecido”. (PLATH, 2014, p.9). Aqui há uma percepção, ainda que sutil, de que algo naquela agitada rotina urbana não estava lhe fazendo bem.

Até que, ao terminar o estágio em Nova York, e retornando para casa materna ansiosa para logo retomar sua vida de prosperidade literária, numa oficina de ficção com um famoso escritor em um curso de férias, recebe a notícia que a empurra com mais força para o abismo emocional: ela não fora aceita para participar da oficina. A partir de então, Esther Greenwood passa por profundas crises de desequilíbrio emocional a começar por uma absurda insônia, culminando então com internações em clínicas de repouso (manicômios), sofrendo inclusive tratamento a base de choques elétricos.

Toda a narrativa é densa e pesada no que se refere ao conteúdo, porém a linguagem com que a narradora nos pinta as cenas e os acontecimentos é elaborada de forma leve e poética, amenizando assim seu tom pesaroso. “A única coisa em que eu me destacava era em ganhar bolsas e

prêmios, e aquele tempo estava chegando ao fim. Eu me sentia como um cavalo de corridas em um mundo sem hipódromos”[...] (PLATH, 2014, p.88).

Em termos de conteúdo, neste fragmento, verifica-se a subjetividade de um eu decepcionado com a iminência do fim de um ciclo. O que invariavelmente vai gerar um retorno patológico.

Ou ainda, em alguns momentos da narrativa, a linguagem é tão fina e poeticamente construída que nos parece estar diante de figuras vistas exclusivamente em poemas. “Peça por peça, ofereci meu guarda-roupa ao vento noturno, e os farrapos flutuaram como as cinzas de uma pessoa amada, pousando aqui, ali, em lugares que eu jamais conheceria, no coração escuro de Nova York”. (PLATH, 2014, p.126). Neste fragmento, temos uma ação realizada por um eu já afetado pela decepção, pela ansiedade, pelo medo. Um eu que já está em franca escalada rumo à depressão, pois do alto de um prédio em Nova York, Esther arremessa todas as suas roupas ao vento ficando apenas com um roupão que estava vestida. E isso ocorreu na véspera de retornar à sua cidade no interior.

Sylvia: paixão além das palavras

Sylvia – Paixão Além de Palavras é uma adaptação cinematográfica feita sob a direção de Christine Jeffs, em 2003. O filme teve recepção mista por parte da crítica especializada. Possui uma pontuação de 56% no Metacritic, em base de 40 avaliações profissionais. Por votos dos usuários do site, alcança uma nota de 5,8, usada para avaliar a recepção do público. Boa parte da sua produção foi gravada na Inglaterra. Conta com grande elenco de atores como Gwyneth Paltrow, Daniel Craig, Blythe Danner, Jared Harris e Michael Gambon.

A história se passa em partes na Inglaterra e nos Estados Unidos. Sylvia é uma jovem de 20 anos e aspirante à escritora e vive em um hotel com outras meninas na grande Nova Iorque da década de sessenta e trabalha como editora júnior estagiária para a aclamada revista *Mademoiselle*. Antes mesmo de sabermos muito sobre a personagem que na verdade é a escritora Sylvia Plath, percebemos uma mente despedaçada e traumatizada por perdas e fracassos no decorrer de sua vida.

Após tentar tirar a própria vida com remédios para dormir de sua mãe e se enterrado no porão de casa a fim de que ninguém conseguisse encontrá-la, Sylvia é encontrada pela mãe após três dias e vai parar em um hospital psiquiátrico, em que é submetida a um tratamento de choque e que, ainda no hospital, cai nas graças de uma rica senhora, que lhe oferece uma bolsa de estudos. É assim que ela vai parar na Universidade de Cambridge, na Inglaterra, onde iremos encontrá-la.

Assim que começa a estudar Sylvia logo conhece aquele que seria seu futuro marido e companheiro de escrituras e poemas, o elegante e simpático poeta Ted Hughes. A história deles juntos

é contada em versão mais fiel à interpretação do roteirista do que à verdade. O que nem mesmo a publicação dos diários da escritora conseguiu esclarecer é aqui colocado como fato. O tempo todo Ted é sutilmente acusado, mesmo que para isso seja necessário fechar os olhos a muitas evidências oferecidas pelo comportamento e os reflexos do passado de Sylvia.

Ainda assim, é fascinante acompanhar a evolução das carreiras destes dois grandes escritores e observar como se inspiraram, colaboraram e, por vezes, competiram entre si. Um grande mérito da diretora é o de indicar ao espectador, a partir de detalhes muito sutis e bem construídos, os aspectos mais relevantes da personalidade da personagem principal. O relacionamento com a mãe, a obsessão pelo pai, o medo dos críticos literários e a adoração pelo marido.

A direção se atentou e focou principalmente no relacionamento conturbado entre Sylvia e Ted o que deixou a narrativa por vezes vaga pelo fato de não explorar tanto o lado criativo da autora e suas complexidades. Pouco conseguimos ver sobre o seu processo de escrita e ânsias que ela tinha para com a profissão, pois enquanto tentava se tornar uma grande poetisa, também trabalhava como professora e cuidava dos filhos. Em entrevista para o jornal *El País* de Londres Gwyneth Paltrow respondeu a respeito das consequências da perda do pai e como isso à ajudou a se aproximar mais do papel em sua atuação.

“Eu ainda me sentia em carne viva. Não pude me proteger de Sylvia, o personagem. Foi uma experiência muito difícil, mas essa dificuldade toda me ensinou a não perder tempo. Encarei o papel de frente, da maneira mais direta possível. Disse a mim mesma: “Vou expor até o fundo de minhas entranhas, não vou esconder nada”. Com a morte de meu pai, mudou a forma como enxergo o trabalho, para o resto de minha vida.” (PALTROW, Gwyneth. Entrevista concedida ao jornal *El País*, 2004).

O tratamento raso dado a alguns aspectos deste drama é quebrado por algumas cenas de grande inspiração: o pedido que a mãe de Sylvia (em arrepiante interpretação de Blythe Danner, mãe de Gwyneth Paltrow na vida real) faz a Ted no dia do casamento, todo o período que passam numa praia na Nova Inglaterra e as conversas de Sylvia com o vizinho desconhecido, em seus momentos de maior aflição. Em entrevista concedida ao site *Poets.org* a diretora Christine Jeffs fala sobre o processo de produção do filme.

“Bem, eu não desenvolvi o projeto. Alison Owen me enviou o roteiro, que ela desenvolveu com outro diretor e escritor, John Brownlow. Eu tinha lido Sylvia Plath no final da adolescência, então já conhecia o trabalho dela, embora não tivesse lido a poesia de Ted Hughes. Então, quando recebi o roteiro, ele trouxe de volta muitas lembranças e parecia um filme fantástico para se envolver. O roteiro caiu do céu, que teve suas bênçãos e maldições, porque é uma chaleira de peixe tão diferente se envolver com um projeto em um estágio tão tardio - em vez de um com o qual você sentou e sonhou e trabalhou por anos. É um processo muito diferente.” (JEFFS, Christine. Entrevista concedida ao site *Poets.org*, 2003).

Embora que por vezes raso no que diz respeito ao processo criativo e a poesia de Sylvia, o filme ainda sim é a única referência audiovisual que retrata a vida e as consequências dos traumas e pernas no psicológico de alguém. Sylvia é profunda, acreditava no amor e o buscava ferozmente, mas os conflitos internos e problemas psicológicos a fizeram desistir de viver, é notável as características de uma pessoa com traços depressivos e que a todo momento sinalizava e pedia ajuda em suas poesias e textos. Sobre o seu processo de escrita ela afirmava que:

“Não sei o que me fez começar, eu escrevo desde quando era bem pequena. Acho que gosto de poesia infantil, acho que pensava que poderia escrever e fazer a mesma coisa agora. Eu escrevi e publiquei meu primeiro poema aos oito anos, comecei a escrever sobre a natureza, pássaros, abelhas, as estações. Hoje mais velha eu busco a quebra de mim mesma, algo mais emocional, uma experiência emocional profunda.” (PLATH, Sylvia. 1963).

Uma das razões para apreciar essa cinebiografia é que esta é uma das poucas oportunidades que se tem para conhecer melhor a intrigante e controversa personalidade de Sylvia Plath. Uma mulher que marcou cada uma das suas três décadas de vida com encontros com a morte. Uma mulher que se definia como Lady Lazarus, em constante renascimento. Uma mulher que tentava preservar os filhos, mas que não tinha o menor apego à própria vida.

Os gritos sufocados de Sylvia e Esther

Em algumas das maiores obras da literatura mundial podemos perceber questões relacionadas a transtornos depressivos e conseqüentemente ao suicídio, Goethe aborda isso em sua obra *Os Sofrimentos do Jovem Werther* em que o amor e a rejeição são a causa do personagem principal tirar a própria vida, Shakespeare em *Romeo e Julieta* em que a relação proibida resultou na morte do casal entre outros. É visível no decorrer de sua trajetória não só como mulher, mas como escritora que Sylvia estava envolta de traumas e partilhava de um sentimento melancólico e ao mesmo tempo dependente e que a busca por aniquilar a sua dor estava diretamente relacionada com desistir da própria vida.

Temas como a tristeza, sofrimento, dor e melancolia são característicos na literatura, seja ela em forma de prosa ou poemas. Sylvia passou boa parte da adolescência sem a presença do pai que morreu ainda quando ela era muito pequena, a viagem e a coragem em enfrentar uma cidade grande em busca de seus objetivos como escritora, sozinha num mundo de cores vibrantes, festas e sentimento fúteis a fizeram se sentir perdida no mundo, incompleta e sozinha.

É inegável a relação existente entre a Sylvia do filme e a Esther do livro, uma vez que ambas apresentam um quadro de degradação que passa por estágios até desembocar no total apagamento do ser que se expressa: no filme, através do suicídio consumado pela personagem e no livro através da primeira internação no manicômio.

“Essas conversas que eu tinha na minha cabeça em geral repetiam o começo de conversas que eu tinha com Buddy na vida real- a diferença era que elas terminavam comigo dando uma resposta bem desaforada, e não ficando ali parada e dizendo, “faz sentido”. (PLATH, 2014, p.65). Essas palavras remetem a alguém que se vê presa, silenciada, mas que ainda tem ânsia de reagir e se libertar através da palavra falada.

Um dos momentos em que se sente feliz e que pode viver normalmente é quando conhece Ted Hughes, amando ferozmente Sylvia se vê dependente desse amor e ao mesmo tempo sofre pois ele não é como ela almejava, se sentir trocada, traída por aquele que jurou estar sempre ao seu lado a fez afundar num abismo escuro e repleto de medos e inseguranças, só que ao mesmo tempo que sofria, buscava tais resposta e refúgio na escrita, os períodos em que passou por mais decepções e tristezas forma os mesmos que lhe renderam poemas incríveis e abastecidos de seu ser, como se transportasse sua alma para as palavras.

Plath sentia a necessidade de continuar executando algo como se fosse um “ritual de morte”, em sua vida, quando; em inúmeras vezes tentou se suicidar, quanto em sua obra, como mostra em um trecho do poema ‘Lady Lazarus’, poema este em que a autora retrata o fato da morte está presente em sua vida e que em determinadas situações ela morria e vivia novamente, pois falhava nas tentativas de tirar a vida.

Tentei outra vez.
Um ano em cada dez
Eu dou um jeito —

Um tipo de milagre ambulante, minha pele
Brilha feito abajur nazista,
Meu pé direito

Peso de papel,
Meu rosto inexpressivo, fino
Linho judeu. (PLATH, 1965, s/p).

“Pela primeira vez na minha vida, sentada no coração à prova de som do prédio da ONU,[...] me senti totalmente inadequada. Na verdade, o problema é que eu sempre fora inadequada, só não tinha pensado nisso ainda” (PLATH, 2014, p.88). Aqui, a subjetividade revela um ser deslocado não só de um contexto específico, mas de todos os outros contextos anteriores. Esse é um aspecto grave no processo de adoecimento psicológico.

Plath, por consequência, também é um bom exemplo para pensarmos os possíveis entrelaçamentos entre o tratamento literário do assunto e o dado biográfico em obras de autores que cometeram suicídio – questão que se configura como outra possibilidade de abordagem, na medida em que permite investigar até que ponto se confundem os limites entre experiência biográfica e

produção literária naqueles escritores que abordaram o tema e acabaram por tirar suas próprias vidas. No caso de Sylvia Plath, além de seus poemas, há também o romance *A redoma de vidro*, baseado em experiências vividas por ela aos dezenove anos de idade.

Outro exemplo para pensarmos é o fato da ficção por vezes se confundir com a realidade ou melhor dizendo, se moldar a realidade da autora, pois em muitas das poesias vemos questões relacionadas com o seu próprio Eu e sua vida de forma mais íntima e em seu único romance *A redoma de vidro* Sylvia retrata boa parte de sua vida e seus sentimentos através da personagem Esther Greenwood que é narradora-protagonista do romance, a autora relata uma crise de depressão e tentativas de suicídio, que retrata quando ela ingere medicamentos a fim de se autoaniquilar. Para além da proximidade com o fato vivido, esse romance, somado aos poemas, ressalta que o tema era objeto de reflexão constante também em suas experiências cotidianas.

Considerações finais

Trazer de volta conceitos e manifestações do que hoje conhecemos como transtornos depressivos e uma declinação para o suicídio é de suma importância, principalmente devido ao contexto ao qual estamos inseridos atualmente. Literaturas que abordam tais temas são recorrentes em nosso mundo há vários anos e são reflexo de nossa sociedade. Tanto a obra literária *A redoma de vidro* como a obra cinematográfica *Sylvia: Paixão além de palavras*, retratam o íntimo de uma mulher que buscou independência e a frente do seu tempo, mas um ser humano cheio de limitações.

Tanto Sylvia como Esther são representações de tantas outras pessoas que são massacradas por diversos fatores em nossa sociedade, que sofrem pela pressão em seus empregos, relacionamentos e conhecimento de mundo. Tanto a literatura como o cinema ocupam um lugar de destaque pois refletem nossas qualidades e defeitos em personagens lidando com situações comuns em suas respectivas épocas e contextos.

Portanto, é notável o cunho autobiográfico de Sylvia Plath em sua obra, tanto em prosa como em poesia e que o fato de se destacar, ser verdadeira e relatar traços e situações tão íntimas de sua vida à fizeram ser uma poetisa de destaque em sua geração. Infelizmente o seu grito de socorro por vezes em seus escritos não foram suficientes para tira-la do poço profundo que era o seu Eu.

Referências

BLUESTONE, George. **Novel into Film**. United States: University of California Press, in 1973.

CARVALHAL, Tânia F. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 2006.

DINIZ, Thais F. N. **Literatura e Cinema: da semiótica à tradução**. Ouro Preto: Editora UFOP, 1999.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes: 2011.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. In FREUD, Sigmund. Obras completas. V. 14. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Trad. André Cechnel. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

MALCOLM, Janet. **A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia**. Tradução Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PLATH, Silvia. (2014). **A redoma de vidro**. (C. Mattoso, Trad.). São Paulo, SP: Biblioteca Azul.

STAM, Robert. **Reflexivity in Film and Literature: From Don Quixote to Jean-Luc Godard**. UMI Press, 1985, subsequently published by Columbia University Press in 1992.